



UM ESTUDO SOBRE AS MÃES ADOLESCENTES BRASILEIRAS

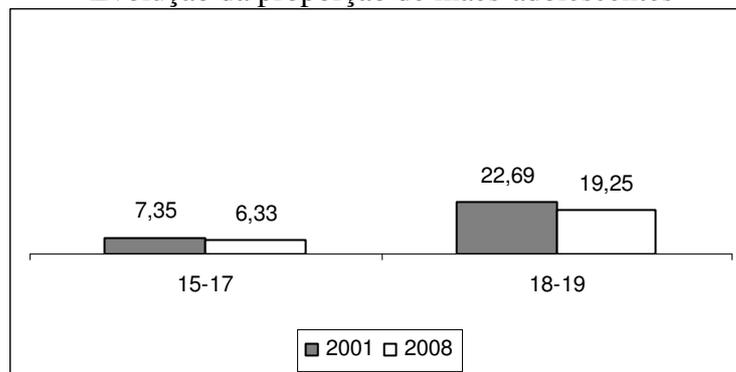
Maria Salet Ferreira Novellino¹

Neste estudo, analiso as mães-adolescentes brasileiras de 15 a 19 anos de idade relacionando dados sócio-demográficos dessas adolescentes com os rendimentos mensais dos domicílios onde vivem bem como os comparo com dados sobre as adolescentes na mesma faixa etária que não haviam tido filhos. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de cunho descritivo e exploratório, para a qual utilizei dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001 e de 2008.

As mães-adolescentes brasileiras

Segundo a PNAD 2008, havia no Brasil 4.989.916 adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos e 3.267.415 entre 18 e 19 anos. Das primeiras, 315.654 (6,33%) e, das segundas, 629.101 (19,25%) já haviam tido filho(s) nascido(s) vivo(s) na data da pesquisa.

Gráfico 1
Evolução da proporção de mães-adolescentes



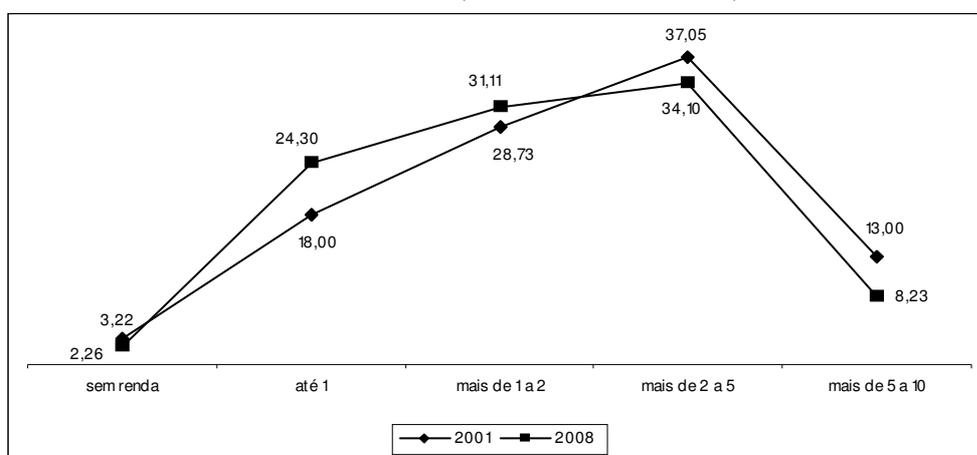
Comparando os dados de 2008 com aqueles de 2001, pode-se observar que diminuiu a proporção de mães-adolescentes entre 15 e 17 anos em pouco mais de um ponto percentual. Já a proporção de mães-adolescentes entre 18 e 19 anos caiu em aproximadamente 3,5 pontos percentuais. Mas teria essa queda se dado de maneira uniforme em todas as classes de renda? Para verificar isto, desagreguei os grupos de mães-adolescentes de 15 a 17 e de 18 a 19 anos por classes de renda² e comparei as suas proporções em 2001 e em 2008, cujos resultados apresento nos gráficos abaixo.

¹ Professora Doutora, Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE saletnovellino@gmail.com

² Nesta pesquisa, as classes de rendimento mensal domiciliar consideradas são: sem renda, até 1 SM, mais de 1 a 2 SM, mais de 2 a 5 SM e mais de 5 a 10 SM. Isto porque as ocorrências de mães-adolescentes nas classes de renda mais altas



Gráfico 2
Adolescentes de 15 a 17 anos que haviam tido filho(s) nascido(s) vivo(s) por classe de rendimento domiciliar (em salários mínimos)



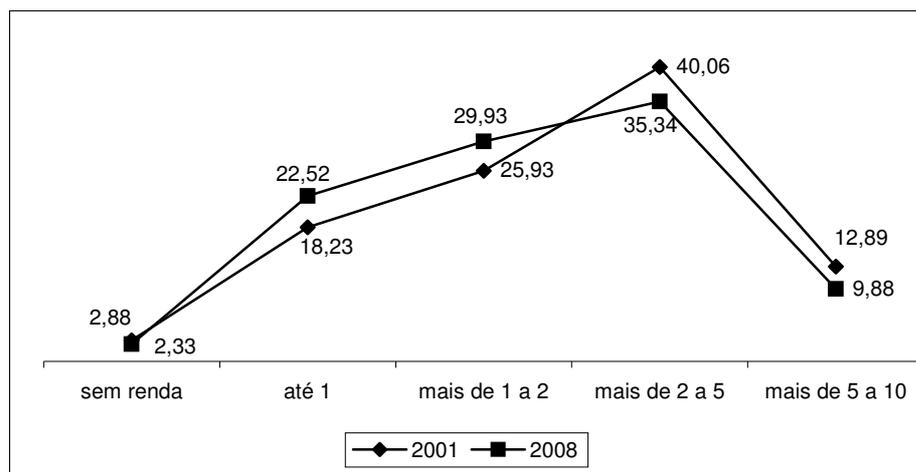
As proporções de mães-adolescentes de 15 a 17 anos subiram nas classes de renda mais baixas. Na classe de renda até 1 SM aumentou 6,3 pontos percentuais. Na classe mais de 1 a 2 SM aumentou 2,38 pontos percentuais. A partir da classe de renda mais de 2 a 5 SM as proporções de mães-adolescentes de 2001 para 2008 caíram. Nesta classe, caiu aproximadamente 3 pontos percentuais; na classe mais de 5 a 10 SM caiu 4,77 pontos percentuais.

Na média geral a proporção de mães-adolescentes de 15 a 17 de anos de 2001 para 2008 caiu 1,03 pontos percentuais. No entanto, aumentou em mais de seis pontos percentuais na classe 'até 1 SM' e caiu em quase 5 pontos percentuais na classe de renda 'mais de 5 a 10 SM'.

Quanto à dinâmica da maternidade na adolescência, verifiquei que, de fato, há duas dinâmicas, uma que se refere à maternidade na adolescência entre aquelas que pertencem às classes de renda mais baixas e uma outra, que se refere àquelas que pertencem às classes de renda mais altas. Enquanto a proporção de mães-adolescentes que viviam em domicílios com rendas mais baixas aumentou de 2001 para 2008, a de mães-adolescentes que viviam em domicílios de rendas mais altas diminuiu de 2001 para 2008.

Gráfico 3
Adolescentes de 18 a 19 anos que haviam tido filho(s) nascido(s) vivo(s) por classe de rendimento domiciliar (em salários mínimos)

que aparecem na PNAD: mais de 10 a 20 SM e mais de 20 SM são em número muito pequeno e, por isso, não podem ser tomadas como representativas.



De 2001 para 2008, as proporções de mães-adolescentes de 18 a 19 anos subiram nas classes até 1 SM (4,29 pontos percentuais) e mais de 1 a 2 SM (4 pontos percentuais). Caíram nas classes de renda mais de 2 a 5 SM (4,72 pontos percentuais) e mais de 5 a 10 SM (3 p.p.). Na média geral a proporção de mães-adolescentes de 18 a 19 anos de 2001 para 2008 caiu 3,43 pontos percentuais. No entanto, aumentou em torno de 4 pontos percentuais entre as que viviam em domicílios cujas faixas de rendimento eram até 1 SM e mais de 1 a 2 SM; e caiu nas classes de renda superiores a esta última.

Esses dados indicam que a maternidade na adolescência deve ser examinada sob a ótica da renda. Além de a maior parte das mães-adolescentes pertencerem às classes de renda mais baixas (mais da metade delas viviam em domicílios cujas rendas não ultrapassavam 2 SM), as taxas de maternidade na adolescência aumentaram de 2001 para 2008 justamente entre as adolescentes cujos domicílios tinham renda até 2 SM.

De acordo com os dados da PNAD 2008, 37,1% dos domicílios brasileiros concentravam-se na classe de renda de mais de 2 a 5 salários mínimos (SM), 21,49% na classe mais de 1 a 2 SM, 15,75% na classe mais de 5 a 10 SM, 12,2% na classe até 1 SM, 6,52% na classe mais de 10 a 20 SM, 2,7% na classe mais de 20SM.³ Mas ao comparar a distribuição por classe de rendimento mensal domiciliar das mães-adolescentes com a distribuição daquelas que não tiveram filhos, verifiquei que na classe de renda com a maior proporção de domicílios (mais de 2 a 5 SM), a proporção de mães-adolescentes de 15 a 17 anos e de 18 a 19 anos são menores do que as proporções de adolescentes que não tiveram filhos.

³ 1,28% estão na classe sem rendimento e 2,95% dos domicílios não declararam a renda



Nas classes de renda inferiores a mais de 2 a 5 SM, as proporções de mães-adolescentes tanto de 15 a 17 como de 18 a 19 anos são significativamente maiores do que aquelas das adolescentes que não haviam tido filhos. Na classe de renda mensal domiciliar superior a mais de 2 a 5 SM, as proporções de adolescentes que não tiveram filhos são superiores às das mães-adolescentes. Esses dados evidenciam que a maternidade na adolescência ocorre majoritariamente entre as adolescentes das classes de renda mais baixas.

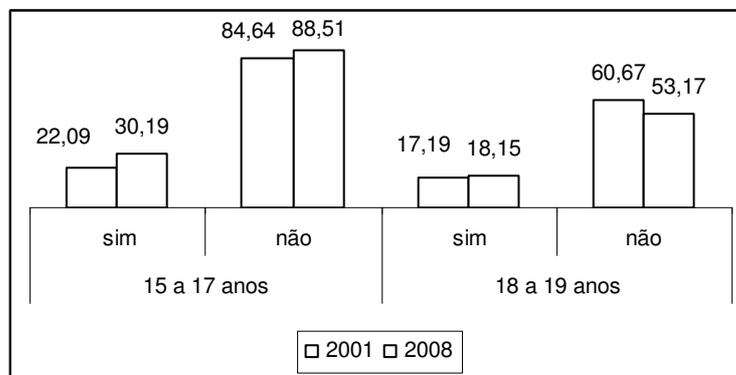
Na classe de renda até 1 SM as proporções de mães-adolescentes são significativamente superiores àquelas das adolescentes sem filhos: 24,30% contra 11,43% entre as de 15 a 17 anos e 22,52% contra 8,26% entre as de 18 a 19 anos. Na classe de renda mais de 1 a 2 SM as proporções de mães-adolescentes são superiores àquelas das adolescentes sem filhos mas a diferença entre ambas não é tão grande quanto na classe anterior: 31,11% contra 23,68% (15-17 anos) e 29,93% contra 20,81% (18-19 anos). Na classe de renda mais de 2 a 5 SM as proporções de adolescentes sem filhos são superiores àquelas das mães-adolescentes: 45,71% contra 34,10% (15-17 anos) e 46,44% contra 35,34% (18-19 anos). Na classe de renda mais de 5 a 10 SM as proporções de adolescentes sem filhos são superiores àquelas das mães-adolescentes: 18,36% contra 8,23% (15-17 anos) e 23,74% contra 9,81% (18-19 anos).

Frequência à escola

Um dos indicadores mais utilizados nos estudos sobre maternidade na adolescência é a frequência das mães-adolescentes à escola, haja vista que a maternidade nesta faixa etária é percebida como causa de desistência de uma educação formal.

Gráfico 4

Evolução das proporções das adolescentes que freqüentavam escola por ocorrência de filhos nascidos vivos



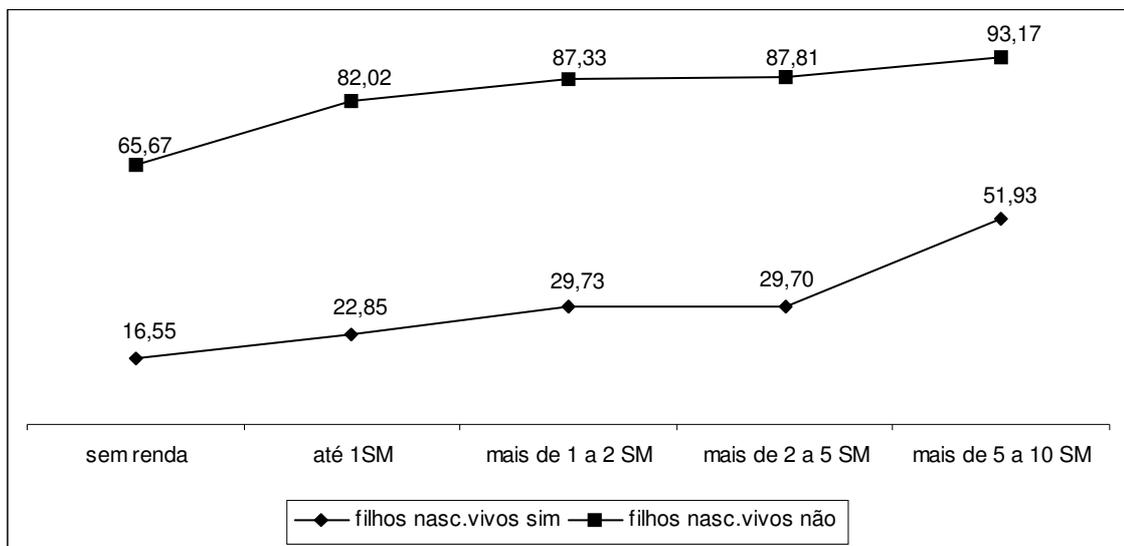


A freqüência à escola das adolescentes entre 15 e 17 anos de 2001 para 2008 aumentou significativamente para as mães-adolescentes, de 22% para 30% (8 pontos percentuais) e em 4 pontos percentuais para aquelas sem filhos. Mesmo com esse crescimento, enquanto quase 90% dessas últimas estavam freqüentando escola em 2008, apenas 30% das mães-adolescentes o estavam.

Entre as adolescentes de 18 a 19 anos que haviam tido filho, houve um ligeiro aumento, de um ponto percentual de 2001 para 2008, mas ainda assim, menos de 20% estavam freqüentando escola. Em 2008, um pouco mais da metade (53%) das que não haviam tido filho estavam freqüentando escola.

A seguir, vou examinar a freqüência à escola de acordo com a classe de renda dos domicílios das adolescentes. Tomo como pressuposto que a (não) freqüência à escola pode estar associada não só à maternidade, mas também à renda.

Gráfico 5
Distribuição das adolescentes brasileiras de 15 a 17 anos que freqüentavam escola por ocorrência de filho e por classe de renda



As proporções de mães-adolescentes de 15 a 17 anos freqüentando escola em 2008 era significativamente inferior em todas as classes de renda àquelas das adolescentes sem filhos. Mesmo nas classes de renda mais baixas, mais de 80% das adolescentes sem filhos estavam freqüentando escola, chegando a mais de 90% nas classes de renda mais alta. No que diz respeito às mães-adolescentes quando distribuídas por classe de renda, menos de 30% freqüentavam escola nas classes de renda mais baixas e cerca da metade das mães-adolescentes das classes de renda mais

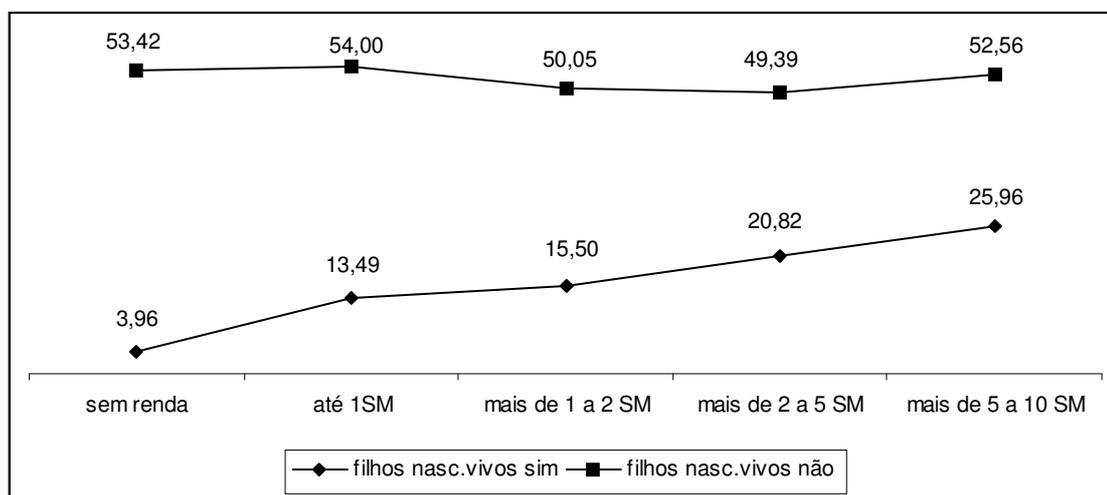


altas estavam freqüentando escola. Tanto as mães adolescentes como as adolescentes sem filhos que viviam em domicílios 'sem renda' apresentaram as proporções mais baixas de freqüência à escola.

Estes números indicam haver uma relação entre maternidade e não-freqüência à escola. Embora haja uma diferença significativa entre a freqüência à escola das mães-adolescentes da classe de renda até 1 SM e da classe de renda mais de 5 a 10 SM, que chega a quase 30 pontos percentuais. Pode-se, então, inferir que a não-freqüência à escola por parte das mães-adolescentes de 15 a 17 anos de idade pode ser causada tanto pela maternidade quanto pela classe de rendimento do domicílio onde vivem.

Gráfico 6

Distribuição das adolescentes brasileiras de 18 a 19 anos que freqüentavam escola por ocorrência de filho e por classe de renda



A proporção de mães-adolescentes de 18 a 19 anos freqüentando escola era bastante inferior à proporção daquelas sem filhos. Apenas 13,5% daquelas que viviam em domicílios cuja renda era de até 1 SM freqüentavam escola. Essa proporção subiu para 15,5% na classe de renda mais de 1 a 2 SM, passou para 20,82% na classe mais de 2 a 5 SM, chegando a 26% na classe mais de 5 a 10 SM. Por outro lado, aproximadamente 50% das adolescentes sem filhos de 18 a 19 anos estavam freqüentando escola. A diferença entre as proporções de mães-adolescentes e de adolescentes sem filhos por classe de renda era de 40,5 pontos percentuais (até 1 SM), 34,5 pontos percentuais (mais de 1 a 2 SM), 28,57 pontos percentuais (mais de 2 a 5 SM) e 26,6 pontos percentuais (mais de 5 a 10 SM).

Essas proporções mostram haver uma relação entre maternidade na adolescência e freqüência à escola, pois aproximadamente metade das adolescentes sem filhos da classe de renda



mais de 5 a 10 SM estavam na escola enquanto $\frac{1}{4}$ das mães-adolescentes nesta mesma classe de renda o estavam. Mas a comparação das proporções de mães-adolescentes na escola pelas classes de renda, mostram que a origem sócio-econômica dessas adolescentes influencia a frequência à escola.

Anos de estudo

A faixa de anos de estudo esperada para as adolescentes entre 15 e 17 anos seria a de 8 a 10 (ensino fundamental completo e ensino médio completo). É nesta faixa que se concentram as adolescentes sem filhos. Já as mães-adolescentes concentram-se na faixa de 4 a 7 anos (ensino fundamental incompleto).

Tabela 1

Distribuição das adolescentes de 15 a 17 anos p/ ocorrência de filho nascido vivo e p/ anos de estudo Brasil 2008							
	nenhum	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14	s/decl.	total
sim	3,31	7,82	50,96	35,24	1,86	0,82	100,00
não	1,62	2,51	30,19	62,75	2,65	0,28	100,00

A faixa de anos de estudo esperada para as adolescentes entre 18 e 19 anos seria a de 11 a 14 (ensino médio completo e ensino superior incompleto). Enquanto as adolescentes sem filhos concentram-se nesta faixa, as mães-adolescentes distribuem-se principalmente nas faixas de 4 a 7, ensino fundamental incompleto (37,10%) e de 8 a 10, ensino fundamental completo e ensino médio incompleto (39,10%).

Tabela 2

Distribuição das adolescentes de 18 a 19 anos p/ ocorrência de filho nascido vivo e p/ anos de estudo Brasil 2008							
	nenhum	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14	s/decl.	total
sim	2,07	3,81	37,10	39,10	17,49	0,43	100,00
não	1,37	0,96	10,15	37,21	50,10	0,20	100,00

Os dados apresentados nas tabelas acima indicam que as mães-adolescentes que abandonaram a escola, se não tiverem a chance de retomar a educação formal, terão como nível escolar ensino fundamental incompleto. Com isto, elas podem se colocar no mercado de trabalho como domésticas ou em serviços de limpeza em empresas ou outros de baixa qualificação/remuneração.

Condição no domicílio



A maior parte das adolescentes de 15 a 17 anos, tanto as que tiveram filhos com as outras, ocupam a condição de filha no domicílio onde vivem. No entanto, enquanto 82,52% das adolescentes sem filhos estão nesta condição, menos da metade das mães-adolescentes o estão. Mais de 31% delas estão na condição de cônjuge e quase 4% são chefes de domicílio.

A maior parte (42,83%) das mães-adolescentes entre 18 e 19 anos de idade está na condição de cônjuge; 34,24% estão na condição de filha e 7,13% na de chefe de domicílio. A maior parte (76,58%) das adolescentes sem filhos está na condição de filha. Argumenta-se que um dos problemas da maternidade na adolescência é que esses filhos nascem de relações entre pessoas não-casadas. Ser mãe-solteira, porém, implica em diferentes graus de vulnerabilidade, dependendo da condição ocupada no domicílio. Aquelas que vivem com o pai e/ou mãe, provavelmente têm apoio financeiro e emocional, além da colaboração nos cuidados com os filhos. Aquelas que estão na posição de cônjuges têm o apoio financeiro e afetivo e talvez colaboração nos cuidados com os filhos. Já as que estão na posição de chefe, são as mais vulneráveis, pois contam provavelmente somente com os próprios proventos.

A maior ou menor vulnerabilidade das mães-adolescentes é dada principalmente pela renda domiciliar. A seguir, examino a condição no domicílio por classe de renda para verificar se a classe de renda tem alguma influência na condição ocupada no domicílio, agravando a vulnerabilidade das mães-adolescentes.

A distribuição das mães-adolescentes de acordo com sua condição no domicílio resultou que nas classes de renda mais baixas (e sem renda) são maiores as proporções de cônjuge. Nas classes de rendas mais altas, são maiores as proporções de filhas. A proporção maior de mães-adolescentes chefes de domicílio está na classe 'até 1 SM'. As adolescentes sem filhos têm as maiores proporções na condição de filha em todas as classes de renda. Resumindo, quanto mais pobre a mãe-adolescente, mais vulnerável ela está. Situação dada pela renda e agravada pela condição ocupada no domicílio.

A condição de ocupação

Na PNAD, as condições de ocupação consideradas são: (a) Ocupada, pessoa que, no período de referência, tinha trabalhado durante todo ou parte do período, incluindo-se as pessoas que exerceram trabalho remunerado, trabalho não-remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo ou trabalho na construção para o próprio uso. (b) Não ocupada, pessoa sem trabalho que,



no período de referência, tomou alguma providência efetiva de procura de trabalho. (c) Não economicamente ativa, pessoa que não trabalhou nem procurou trabalho.

Em 2008, os índices de não economicamente ativas superavam os 60% tanto para as mães-adolescentes quanto para as adolescentes sem filhos de 15-17 anos; a proporção de ocupadas também é semelhante para ambas: um pouco abaixo de 30%. As proporções de não-ativas, de 2001 para 2008 cresceu, principalmente para as mães-adolescentes.

Em 2008, a proporção de não ativas era maior para as mães-adolescentes do que para as adolescentes sem filhos de 18-19 anos. As maiores proporções de ambos os grupos estavam na condição de ocupadas, mas a proporção de adolescentes sem filhos nesta condição era superior a 50% e a de mães-adolescentes era de aproximadamente 45%. Entre as mães-adolescentes, de 2001 para 2008, aumentou ligeiramente a proporção de não economicamente ativas e, entre as adolescentes sem filhos, diminuiu em quase 5 pontos percentuais a proporção delas nesta posição.

As funções reprodutivas assumidas pelas mães-adolescentes as conduzem a não frequentar mais escola e a não integrar a força de trabalho, o que as transformam em um grupo populacional com considerável grau de vulnerabilidade.

Examinei a condição de ocupação por classe de rendimento mensal domiciliar das adolescentes de 15-17 anos. Há uma maior proporção de adolescentes sem filhos ocupadas do que mães-adolescentes ocupadas em todas as classes de renda. O mesmo acontece para as não ocupadas. Ao contrário, na condição de não ativas, a proporção é maior entre as mães-adolescentes. No entanto, há diferenças significativas por classe de rendimento mensal domiciliar entre as mães-adolescentes. A proporção de não-ativas diminui à medida que aumenta a renda. A proporção de ocupadas aumenta à medida que aumenta a classe de renda dos domicílios onde vivem. A proporção de não-ocupadas não sofreu variações significativas.

Examinei a condição de ocupação por classe de rendimento mensal domiciliar das adolescentes de 18-19 anos. Há uma maior proporção de adolescentes sem filhos ocupadas do que mães-adolescentes ocupadas em todas as classes de renda. O mesmo acontece para as não ocupadas. Ao contrário, na condição de não ativas, o índice é maior entre as mães-adolescentes. No entanto, entre as mães-adolescentes há diferenças significativas de acordo com a classe de renda do domicílio onde vivem. A proporção de ocupadas aumenta à medida que aumenta a renda. Nesta faixa etária (18-19 anos) as taxas de ocupação são superiores do que a faixa de 15-17 anos em todas as classes de renda.



Pelos dados acima, posso dizer que abandono da escola e não participação na força de trabalho no que diz respeito às mães-adolescentes brasileiras, é uma consequência não só da maternidade e dos compromissos decorrentes que elas têm que assumir, mas também da classe de renda do domicílio onde vivem.

Confirmando a hipótese inicial deste estudo, há uma forte concentração de mães-adolescentes nos domicílios com rendimentos mensais mais baixos, o que compromete o bem-estar tanto delas quanto dos seus filhos, conduzindo à transmissão intergeracional da pobreza.

Ter filhos entre 15 e 17 anos, o que representaria de fato maternidade precoce é realidade para um pouco mais de 6% das adolescentes brasileiras nesta faixa etária. Em 2008, as mães-adolescentes entre 15 e 17 anos vivendo em domicílios cujos rendimentos mensais não ultrapassavam 2 SM eram 173.293 (3,47% de todas as adolescentes nesta faixa etária). Estas seriam potenciais beneficiárias de programas de transferência de renda.

As mães-adolescentes tendem a desistir da educação formal, seja porque as escolas não oferecem condições para que as frequentem, porque os cuidados com o filho não lhes deixam tempo para desempenhar outras tarefas, seja ainda por falta de perspectiva de uma colocação decente futura no mercado de trabalho. O que deve ser evitado é uma relação causal simplista entre maternidade e desistência da educação formal.

No que tange a políticas públicas, a melhoria da condição de vida das mães-adolescentes e seus filhos não se daria pela diminuição de seu número, mas por políticas de inclusão, em termos de compatibilizar educação formal e cuidado com filhos, de preparação para o mercado de trabalho e da oferta de equipamentos e serviços de cuidados com seus filhos.

Bibliografia

Hofferth, Sandra L.; Moore, Kristin A. (1979). Early childbearing and later economic well-being. *American Sociological Review*, v.44, n.5, p. 784-815

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2001 e 2008.

Novellino, Maria Salet Ferreira (2009). As desigualdades entre as mães-adolescentes brasileiras. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

Singh, Susheela. Adolescent childbearing in developing countries: a global review. *Studies in Family Planning*, v.29, n.2, p. 117-136, June 1998

Souza, Marcelo Medeiros Coelho de (1998). A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social. XI Encontro da ABEP.